



TODAS
AS ARTES
TODOS
OS NOMES
I CONGRESSO
INTERNACIONAL
LUSÓFONO

2016

**LIVRO DE
RESUMOS**

**I CONGRESSO INTERNACIONAL LUSÓFONO
TODAS AS ARTES | TODOS OS NOMES
Livro de Resumos**

**Glória Diógenes, Lígia Dabul,
Paula Guerra e Pedro Costa (Orgs.)**

**I CONGRESSO INTERNACIONAL LUSÓFONO
TODAS AS ARTES | TODOS OS NOMES
Livro de Resumos**

**Glória Diógenes, Lígia Dabul,
Paula Guerra e Pedro Costa (Orgs.)**

Publicado em Setembro 2016
por Universidade do Porto. Faculdade de Letras
Via Panorâmica, s/n,
4150-564, Porto, PORTUGAL
www.lettras.up.pt

Design: Tânia Moreira
Capa: Esgar Acelerado
ISBN 978-989-8648-84-6

O conteúdo dos textos publicados é da total responsabilidade do(s)
seu(s) autor(es), e não reflete necessariamente a opinião dos
organizadores desta obra.

 Atribuição CC BY

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional. É permitida a distribuição, adaptação e
criação de trabalhos a partir dos conteúdos apresentados nos textos
publicados nesta obra, desde que devidamente identificada a fonte.
Mais informações: <https://creativecommons.org/licenses/>

Índice

RESUMOS DE ORADORES CONVIDADOS	5
RESUMOS DE PARTICIPANTES.....	13
A-B	14
C-D	20
E-F	30
G-H	33
I-L	44
M-N	51
O-P	55
Q-R	62
S-T	68
U-Z	77

Resumos de Oradores Convidados

(Ordenados alfabeticamente
pelo último nome do autor)

Geopolíticas da arte: o caso do Brasil

Glaucia Villas BÔAS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo

O objetivo é questionar os critérios geopolíticos de classificação da arte, argumentando que tais critérios obstaculizam a apreciação das artes na sua dimensão estética e sociológica. Os critérios de natureza geopolítica se fundamentam em pares dicotômicos tais como exotismo vs. civilização, centro vs. periferia, nação vs. universalismo, que há mais de um século vêm sendo utilizados, por diretores de museus, historiadores, críticos de arte e curadores. Procurase demonstrar como a visão multiculturalista do mundo deslocou o uso sistemático dessas categorias, cuja relevância percebe-se tanto nos discursos críticos da pintura colonial quanto naqueles relacionados ao modernismo brasileiro. No entanto, pondera-se que, apesar desse deslocamento, somente o estudo das nuances finas das interações entre os indivíduos e os grupos leva à compreensão da complexidade dos processos de criação artística, pondo fim aos constrangimentos das categorias geopolíticas de classificação e permitindo o trânsito em áreas ainda desconhecidas.

Palavras-chave: arte, critérios geopolíticos, hierarquias, universalismo, classificação.

Entre o global e o local: a condição de artista contemporâneo no século XXI

Maria Lucia BUENO, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil.

Resumo

Desde os anos 1980, nos deparamos com grandes transformações nos processos de profissionalização, emergência, legitimação e consagração dos jovens artistas contemporâneos, que, cada vez mais, se desenvolvem a partir de um mesmo padrão globalizado. Apesar do fortalecimento do mercado de arte contemporânea e da ampliação considerável da rede de exposições globais, vivemos num mundo da arte cada vez mais restrito e menos inclusivo, onde a maior parte dos jovens artistas reconhecidos pelo sistema vigente da arte contemporânea, e que circulam em escala mundial, só conseguem efetivar as suas trajetórias profissionais nas esferas locais. O objetivo desta apresentação é discutir esta questão tendo como embasamento pesquisas recentes, realizadas em torno dos artistas contemporâneos brasileiros e franceses.

Palavras-chave: arte contemporânea, condição de artista, profissionalização e êxito, globalização, Brasil e França.

O que é isso da arte urbana? Dilemas e paradoxos das intervenções de rua

Ricardo CAMPOS, CICS.Nova, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

Resumo

Inicialmente uma forma de expressão visual maldita, o graffiti tem despertado nos últimos anos a atenção de diversas instâncias oficiais e do mundo artístico, que lentamente converteram diferentes formatos de intervenção no espaço público em manifestações estéticas legitimadas. A denominada Arte Urbana transformou-se numa das expressões artísticas mais relevantes da última década. Este é, todavia, um conceito ambivalente, ainda em construção, envolvendo linguagens visuais muito diversificadas. No seu âmago este transporta uma série de tensões e paradoxos que refletem uma síntese difícil entre valores e práticas sociais aparentemente incompatíveis. Pretendemos problematizar e discutir a noção de Arte Urbana, tendo em consideração os processos sociohistóricos associados à sua emergência e legitimação social.

Palavras-chave: graffiti, arte urbana, vandalismo, artificação.

Onde bate o sol: explorando o potencial das intervenções artísticas urbanas como fonte de co-criação de conhecimento científico

Pedro COSTA, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, DINAMIA'CET- Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Resumo

Ao longo dos últimos anos, uma equipa de investigação que tem desenvolvido um conjunto de pesquisas em torno da relação entre cultura, criatividade e território no DINAMIA'CET-IUL, coordenada pelo autor, tem vindo a pôr em prática um conjunto de metodologias e lógicas de intervenção urbana apostadas em testar o potencial da utilização da intervenção artística na produção e disseminação de conhecimento científico, e em explorar novas lógicas de intervir e investigar a cultura nos territórios. Tem-se procurado a utilização de abordagens participativas como ferramenta para a análise das dinâmicas criativas urbanas, assumindo uma postura em que se trabalha a co-construção de conhecimento científico através de metodologias que privilegiam uma relação de cooperação horizontal entre investigador e sujeito de pesquisa, e em que se assume a expressão artística no espaço público como ferramenta confrontacional para a (co-)criação e disseminação do conhecimento, testando noções como as de informalidade e de liminaridade ou os limites e fronteiras da esfera pública. Nesta apresentação são brevemente exploradas algumas das intervenções realizadas por esta equipa e colocadas à discussão as virtualidades e limitações destas práticas. Num primeiro momento apresentam-se sinteticamente alguns aspetos e resultados de seis destas intervenções, realizadas em diversos contextos na área metropolitana de Lisboa, entre 2010 e 2016. Num segundo momento fomenta-se a discussão do valor destas novas heurísticas para a pesquisa desenvolvida e aprofunda-se a reflexão sobre o potencial da intervenção artística na relação com a comunidade e com o conhecimento do território e das práticas culturais que nele se desenrolam.

Palavras-chave: cultura, território, intervenções urbanas, dinâmicas criativas, metodologias de investigação.

A arte inesperada dos ruídos

Carlos FORTUNA, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais, Portugal.

Resumo

Inteiramente inspirada no conhecido ensaio de Luigi Russolo (*L'Arte dei Rumori*), procuro passar em revista a celebração da velocidade e do ruído industrial dos futuristas e modernistas (veja-se a *Ode Triunfal* de F. Pessoa). A composição musical do ruído é uma expressão artística tão surpreendente quanto notável. Proporei que escutemos musicalidade dos comboios composta por famosos autores ao longo de todo o século XX, desde Alkan e Antheil, passando por Schaeffer e Honegger, até Ellington, Coltrane, Emerson e Bethania.

Palavras-chave: ruídos, sons, cidades, quotidianos.

A pesquisa no Banco de Imagens e Efeitos Visuais (PPGAS, UFRGS, Brasil): a etnografia da duração

Ana Luiza Carvalho da ROCHA, Universidade Feevale, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Cornelia ECKERT, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Resumo

Problematizamos o caráter temporal da experiência humana presente no mundo contempo-râneo e suas repercussões nas práticas e saberes que os indivíduos e/ou grupos constroem em suas relações com a cidade. Tributário deste processo de pesquisa, cunhamos um projeto de Etnografia da Duração. O projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais, criado em 1997 no Pro-grama de Pós-Graduação em Antropologia Social (UFRGS, Brasil), coordenado por Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert, reúne pesquisadores interessados no tema da memória coletiva narradas pelos habitantes nas cidades. Propomos o exercício etnográfico no contexto urbano para criar coleções de documentos etnográficos multimídia num mesmo ambiente de consulta. Considerando-se, assim, alguns esquemas enunciativos da Antropologia Urbana, da Antropologia Visual e da Antropologia do Imaginário, a pesquisa com a gestão eletrônica de coleções etnográficas objetiva disponibilizar aos usuários as relações entre os acontecimentos ou incidentes vividos por grupos e/ou indivíduos em Porto Alegre e a memória da cidade. Na produção da etnografia em hipermídia, propomos um estudo temporal dos arranjos interpre-tativos dos habitantes de Porto Alegre, que orientam as formas representacionais do patri-mônio e da memória da comunidade urbana local investindo-se na compreensão das experi-ências vividas dos seus significados culturais, disponíveis social e historicamente. Nesta mo-dalidade, cada acontecimento a ser investigado na cidade é condição do ato de interpretação da cidade, cabendo ao antropólogo-pesquisador, situado na figura do narrador, tecer as ma-térias lembradas e evocadas das quais resulta seu trabalho de campo. Ao antropólogo, em termos epistemológicos, cabe o papel de mediador na agência de reatualização e retransmis-são de fazeres e saberes tradicionais nas modernas sociedades complexas.

Palavras-chave: coleções etnográficas em hipermídia, etnografia da duração, memória coletiva, cidades.

Resumos de Participantes

(Ordenados alfabeticamente pelo
Ultimo nome do primeiro autor)

A – B

Possibilidades de práticas musicais, fluxos e construções culturais na França occitanista a partir da experiência dos grupos Fabulous Trobadors, Massilia Sound System, Talvera e Nux Vomica

Elisa Paiva de ALMEIDA, Universidade Federal Fluminense, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Portugal, Brasil.

Resumo

A apresentação proposta aborda a experiência de grupos musicais de cidades do grande Sul da França cujo surgimento data início da década de 1980, e cujas trajetórias se cruzam dentro de um movimento amplo, com várias abordagens e frentes de ação de valorização da língua occitana e um universo a ela associado. Parto de quatro grupos específicos: o Massilia Sound System, de Marseille, La Talvera, de Cordes-Sur-Ciel, o Nux Vomica, de Nice e os Fabulous Trobadors, de Toulouse. Os percursos desses grupos, articulados entre si, estão marcados por debates relacionados a construções culturais e diferentes projetos e ações políticas de estímulo à convivência em coletividade em seus bairros e cidades em paralelo a uma circulação comercial mais convencional no país e fora dele. No contexto de suas vivências, a música figura como fim e meio, um instrumento capaz de integrar e estabelecer laços de pertencimento a uma comunidade ou lugar. Esses grupos também têm como característica comum o estabelecimento de uma conexão intensa e expressa com músicos e formas musicais originários de outros lugares, e de maneira bastante expressiva com artistas e músicas do Nordeste do Brasil, do que resultam interações que incrementam e complexificam as reflexões em que se engajam os agentes que compõem esta trama. Apesar das semelhanças, cada experiência em separado acontece de um modo particular. A forma como cada um desses grupos gerencia suas práticas, discursos, e ordena suas trajetórias revela, portanto, inúmeras possibilidades de processos de criação cultural, o que interessa aqui investigar.

Palavras-chave: música, construções culturais, fluxos.

CCCCB e Museu Cargaleiro: os ícones culturais e arquitetónicos como catalisadores de regeneração identitária e urbana em Castelo Branco

Alexandra Paisana BELO, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, DINAMIA'CET-Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Resumo

Com o programa POLIS, foram criados, em Castelo Branco, dois equipamentos culturais icónicos, que assumiriam um papel fulcral na transformação identitária desta cidade média: o CCCCCB (Centro de Cultura Contemporânea de Castelo Branco, do arquiteto Josep Lluís Mateo) e o Museu Cargaleiro, dedicado à obra e acervo pessoal deste artista beirão.

Estes edifícios permitiram, tanto pelo seu conteúdo e funções, como pela implantação e intervenção urbana que lhes está associada, a criação de condições para uma regeneração urbana de forma mais integrada, quer pela sua dimensão física, quer pela sua dimensão sociocultural.

O primeiro equipamento, dedicado a exposições de arte contemporânea (possuindo ainda uma pequena sala de espetáculos), está inserido na intervenção urbana do Centro Cívico, sendo associado a uma ideia de futuro, tanto pelo tipo de eventos que acolhe, como pela sua imagem arquitetónica arrojada.

Inserida no Centro Histórico, a obra do Museu Cargaleiro propiciou, além de uma divulgação consistente da obra do artista plástico que lhe dá nome, a criação de um arranjo urbanístico que abriu uma nova praça na malha histórica, valorizando-a e dando-a a conhecer a novos públicos.

Este artigo pretende analisar as transformações que a existência destes novos equipamentos culturais e artísticos permitiram operar na identidade e vivência urbanas, bem como o impacto que tiveram na imagem da cidade para o exterior, reforçando valores artístico-culturais endógenos e potenciando novas atividades socioeconómicas. Isto permitir-nos-á avaliar, sob uma perspetiva multidisciplinar, a relevância da associação das atividades culturais e artísticas a processos de regeneração urbana, neste contexto específico.

Palavras-chave: regeneração urbana, identidade urbana, atividades culturais e artísticas, ícones arquitetónicos, Castelo Branco.

O graffiti no sertão do Ceará: análise da transformação social em cidades interioranas sob a perspectiva da sociologia da arte

Nicole Sousa BESSA, Universidade Estadual do Ceará, Brasil.

Kadma Marques RODRIGUES, Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós Graduação em Comunicação, Brasil.

Luana Carolina da Silva MONTEIRO, Universidade Estadual do Ceará, Brasil.

Resumo

O propósito da presente pesquisa é, sob a perspectiva da sociologia da arte, analisar o projeto RASTRO, realizado desde 2011, nas cidades do interior do Ceará. Nele, o artista Weaver F. propôs a realização de graffiti em espaços públicos e nas fachadas de casas que ainda conservam em sua arquitetura características típicas do sertão nordestino. As intervenções artísticas realizadas no sertão têm preconizado a valorização da cultura local como fator de inclusão social. O projeto garantiria assim à população o contato com a arte por meio de uma ação alinhada à atuação política governamental em suas diferentes esferas, propiciando a todos o acesso a diversidade de bens culturais. Por meio de uma metodologia inspirada pela microssociologia, esta pesquisa relaciona os diversos meios utilizados pelo projeto RASTRO (material de divulgação, intervenções, palestras e exposições), ao mesmo tempo em que revela o curso de uma transformação social mais ampla, sofrida pelas cidades no interior do estado. Nesta perspectiva, as intervenções proporcionam experiências estéticas que funcionam como agenciadoras da criação de condições sociais de possibilidade para reconfiguração das relações afetivas com a cidade.

Palavras-chave: intervenção artística, graffiti, cidade interior.

Arte com todos! Estudo sociológico sobre organizações artísticas portuguesas e seus territórios

Vera BORGES, DINÂMIA'CET, Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Resumo

Esta comunicação discute uma parte das conclusões de um estudo recente que visava conhecer o trabalho das organizações culturais que tinham o apoio da Direção-Geral das Artes-SEC, entre 2014-2016, na modalidade "Acordos Tripartidos". A hipótese principal que guiava a pesquisa é que a relação que existe entre as organizações culturais e o território onde estão localizadas é determinada, conjuntamente, pela estruturação e funcionamento de um meio cultural local específico e pelas trajetórias individuais de carreira, posição e estratégias dos seus artistas e diretores, e poderia potenciar (ou não) o financiamento público das organizações. Na análise são consideradas 23 organizações culturais-mentoras de projetos artísticos e culturais e 17 organizações culturais-parceiras. São tomadas como unidade de análise as comunidades intermunicipais e as áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto. O compromisso da pesquisa passa pela observação localizada de alguns destes contextos de ação e projetos artísticos. Maior atenção será dada ao teatro e ao novo circo. Apresenta-se, por fim, uma tipologia geral dos projetos artísticos desenvolvidos pelas organizações consideradas e os seus territórios. O estudo revela como o trabalho de proximidade das organizações, diretores e equipas com os públicos e "parceiros" consolida e até amplia o seu reconhecimento local, um trampolim para outras formas de reconhecimento. A discussão e as notas finais serão elaboradas tendo em conta a descrição das lógicas individuais e coletivas das artes, nos dias de hoje, como se confundem, reforçam e alimentam nos cenários locais.

Palavras-chave: cultura, organizações culturais, artistas, território.

TERROREMA

Pedro “Ninja” Virgílio Ferreira BRUNO, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.

Resumo

TERROREMA é o resultado do encontro entre minha formação ocorrida, primeiro, nas ruas de Belo Horizonte como um escritor de graffiti e, segundo, através do conhecimento acadêmico em arte que encontrei no curso de graduação em Artes Visuais; o qual enxerguei como aliado para complementar a ideia de criar uma experiência educacional artística mais próxima da sensação real vivida pelos artistas de rua. A pesquisa se baseia nos conceitos de Wassily Kandinsky sobre o desenho e os de Helio Oiticica em relação à participação do espectador, através de uma metodologia do processo que trabalha com o corpo e a mente dos participantes permitindo a contribuição conjunta entre o artista na construção de um mural com elementos abstratos sem a necessidade de habilidade com o desenho ou graffiti. A primeira experiência prática da pesquisa foi em 2012 por meio de um convite para a elaboração de um workshop de pintura do muro da FACE no campus da UFMG e durante os quatro anos seguintes pude aplicar o meu método de participação e pintura coletiva, observei os desdobramentos, reflexões e a relação entre os diferentes públicos e espaços: universidade, instituições de adolescentes em privação de liberdade e em festivais no interior do estado de Minas Gerais. Essa experiências contribuíram para a elaboração de um manual desse processo onde de maneira detalhada e didática apresentei em forma de uma publicação que se caracteriza como produto de conclusão do curso de graduação em desenho pela Escola de Belas Artes da UFMG em 2016.

Palavras-chave: graffiti, participação, metodologia.

C - D

Fronteiras e territórios da música, os Festivais de Verão em volta do Zêzere

Helena CARVALHO, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Resumo

Os Festivais de música de Verão preenchem um espaço identitário juvenil musical, onde se incluem experiências com música, histórias com pessoas relacionadas com música, encontros e perspectivas acerca da música num desenrolar de narrativas auto-referenciadas de formação de identidade própria e através da experiência musical. Nesse sentido os Festivais contribuem para a construção da identidade através de identidades musicais, afectando a formação de gostos e preferências multifacetadas dentro dos grupos mais ou menos alargados. Na exploração do valor social da música, Hesmondhalgh apontou-lhe duas facetas complementares: que a música se encontra intensamente ligada ao self privado e que ao mesmo tempo subsiste como experiência colectiva partilhada. Mas se bem que nos Festivais de Rock, Pop ou Jazz exista um movimento de abertura inclusiva, o mesmo não se observa nos Festivais de música erudita, especialmente naqueles com vertente educativa, e que abundam pelo país fora do espaço urbano. Estes Festivais, que incluem alguma interacção com a comunidade mas que são essencialmente virados para a gestação interna na formação de artistas, configuram experiências de inclusão e pertença ao grupo de restrito acesso que constitui o mundo da música erudita. Propomos aqui uma análise do "Zêzere Arts", um encontro de instrumentos de corda e coros, na sua segunda edição, e do "Encontro Internacional de Piano" no Sardoal, na sua primeira edição.

Palavras-chave: música, festivais, reprodução, identidade.

Conversando com Clarice - Projeto de criação artística - performance

Rita CÁSSIA, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, Portugal, Brasil.

Resumo

Projeto de criação artística que vai se consolidando de ano para ano, pontualmente na sua experimentação prática, desde 2013. Tendo como ponto de partida uma imersão na obra *Perto do Coração Selvagem*, da autora Clarice Lispector, bem como, questionamentos sobre o ser humano mulher no mundo em que vivemos, sobre o ser humano mulher, o ser individual, no processo de formação identitária, no processo de desterritorialização e de busca por uma reconexão com o passado afim de empoderar-se no presente e de tecer o caminho rumo ao futuro que se processa no presente. Enveredei por uma pesquisa de criação cénica na natureza (Parque Florestal Monsanto), em Lisboa, dando origem a encontros com novos lugares e pessoas, através de três performances teatrais/coreográficas, que foram vivenciadas em Lisboa, Portugal, no âmbito do Festival Restart 2013, realizado na Casa Independente e no âmbito do Festival Tudanzas em Barcelona, Espanha, em 2013 (Casal Pou de la Figuera) e de 2014 (site-specific, numa fonte na Plaza San Agustí Vell). Em 2015, optei por dar continuidade ao projeto, a partir de um novo posicionamento, através da concepção de uma performance em áudio, uma revisitação das três vivências performativas realizadas nos anos anteriores. Neste sentido, observaria os transeuntes/recetores aquando da audição, trabalhando posteriormente tal experiência, talvez através da escrita. Atualmente, seguindo os devires e vivências anteriores, preparo uma nova vivência performativa: No Coração, uma performance para sentir, com a presença de uma atriz-performer e de um músico.

Palavras-chave: criação artística, mulher, empoderamento, Clarice Lispector.

Desenvolvimento cultural, socioeconómico e turístico no Norte de Portugal, potenciado por eventos musicais produzidos no âmbito do associativismo e da cooperação

Jorge COELHO, Instituto de Estudos Superiores de Fafe, Escola Superior de Tecnologias, Portugal.

Resumo

O Núcleo de Apoio às Artes Musicais, fundado em 1999, é legalmente uma associação juvenil com sede na localidade de Barroselas, concelho de Viana do Castelo, região Norte de Portugal. Sob a sigla NAAM, tem vindo a desenvolver desde então inúmeras actividades e diversos projectos no âmbito da cultura e do entretenimento, nomeadamente festivais de música heavy metal e ciclos de música moderna e independente, estes últimos de abrangência alargada. Assim, considerando-se previamente o NAAM um caso interessante, desenvolveu-se este estudo sustentado numa revisão bibliográfica para garantia da base teórica imprescindível ao apoio da investigação empírica. Estabeleceram-se como objectivos a aferição da dinâmica empreendida por aquela associação, de modo a perceber-se com a maior clareza possível a influência da mesma no desenvolvimento cultural, social, económico e também turístico dos espaços e localidades onde as suas actividades maioritariamente acontecem. Constatou-se que as iniciativas entretanto levadas a efeito envolveram um número muito elevado de artistas nacionais e estrangeiros, em cooperação com entidades públicas, empresas privadas e associações congéneres, um pouco por todo o país mas principalmente nas cidades de Braga e Viana do Castelo, tendo também ocorrido várias acções no estrangeiro. Concluiu-se que, não tendo como objectivo sobrepor-se ou substituir outras entidades, esta associação, com limitações e constrangimentos, complementa de forma inequívoca a oferta cultural existente onde actua, promove e valoriza espaços públicos e privados, potencia a democratização do espectáculo e dos eventos musicais, impulsiona o multiculturalismo e agrega valor no sentido do desenvolvimento. Pode assim considerar-se o NAAM - Núcleo de Apoio às Artes Musicais - um exemplo, idealmente replicável.

Palavras-chave: cultura, associativismo, cooperação, desenvolvimento.

Definindo estratégias para a atuação cultural local: algumas reflexões a partir de um processo em curso

Pedro COSTA, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, DINAMIA'CET- Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Paula GUERRA, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Griffith Centre for Social and Cultural Research, Portugal.

Ana OLIVEIRA, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, DINAMIA'CET- Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Filipa SOUSA, DINAMIA'CET- Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Giles TEIXEIRA, DINAMIA'CET- Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Resumo

Esta comunicação resulta do envolvimento dos autores numa equipa de investigação mais vasta do DINAMIA'CET-IUL que está neste momento a trabalhar, com o município de Lisboa, na actualização das Estratégias para a Cultura respectivas. Esta revisão vem na sequência de um anterior processo de reflexão estratégica, efectuado em 2008-09, e mobilizado pela mesma equipa, que culminou na formulação das primeiras “Estratégias para a Cultura em Lisboa”. Desde essa altura, várias foram as transformações sentidas na cidade e no seu campo cultural, sejam as induzidas pelos processos de recomposição da metrópole em que a cidade está situada e a forma como esta foi confrontada com a crise económico-financeira e as políticas austeritárias que afectaram o país neste período, seja pela própria reconfiguração e evolução tecnológica no campo cultural, entre variadíssimos outros aspectos. Este trabalho, aplicando a metodologia do planeamento estratégico no campo da cultura, numa lógica de cultural planning, e enquadrando o processo numa análise ancorada na percepção do papel da cultura no desenvolvimento territorial, parte da análise destas transformações para actualizar o diagnóstico cultural sobre a cidade, e para a confrontar com os principais desafios que hoje enfrenta neste campo, o que servirá de base para lançar a discussão das novas linhas estratégicas e instrumentos de política para o futuro. Não sendo aqui o local para a apresentação desse diagnóstico ou dessas linhas estratégicas, faz-se no entanto um conjunto de reflexões sobre o processo em si, ilustradas por exemplos concretos, e sobre as lógicas que definem e marcam o trabalho de reflexão estratégica e planeamento cultural da cidade, problematizando os desafios que se colocam a este processo e a forma como a equipa de investigação com eles lida.

Palavras-chave: cultura, planeamento cultural, políticas culturais locais, desenvolvimento territorial, Lisboa.

Arte de rua e política: artificação do grafite nos megaeventos no Rio de Janeiro – Brasil

Christina Vital da CUNHA, Departamento de Sociologia, Universidade Federal Fluminense, Brasil.

Resumo

Nesta comunicação pretendo discutir a formação de uma paisagem motivacional a partir da “leitura” de imagens produzidas na cidade do Rio de Janeiro em pinturas, stencils e grafites no contexto das Olimpíadas 2016. O processo de artificação pelo qual passam diferentes expressões das chamadas street arts tem grande importância para a compreensão do uso que diferentes atores sociais fazem dessa modalidade de expressão artística. Nesse sentido, as intervenções urbanas citadas emergem como mediadoras de uma mensagem cidadã e/ou religiosa. O objetivo nesta comunicação é, portanto, apresentar alguns avanços na análise de discursos, imagens e legislações que tematizam arte e intervenções de rua na cidade em um contexto político-social específico. Os dados empíricos que sustentam essas análises estão sendo levantados na pesquisa “*Arte de rua e religião: um estudo sobre produções de cidadania e projetos de cidade através do grafite no Rio de Janeiro*” e foram estruturados através da realização de entrevistas com grafiteiros e com representantes da prefeitura e em uma cartografia das intervenções artísticas presentes, principalmente, na Zona Sul e no Centro turístico da cidade do Rio de Janeiro. O recorte da pesquisa cobrindo grafites e outras intervenções principalmente na Zona Sul se justifica pela importância que esse território da cidade guarda na formação contemporânea do imaginário sobre o carioca, para a projeção externa desse “espírito da cidade” no contexto dos mega eventos nela realizados e que culminaram com as Olimpíadas 2016.

Palavras-chave: arte de rua, grafite, política, Olimpíadas 2016, Rio de Janeiro.

A questão da autoria a partir da trajetória do músico Naná Vasconcelos

Simone Dubeux Berardo Carneiro da CUNHA, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo discutir a questão da autoria a partir da trajetória do músico pernambucano, percussionista Juvenal de Holanda Vasconcelos, conhecido como Nana Vasconcelos. A partir de sua trajetória, podem-se tecer algumas considerações sobre o trabalho do músico, a sua singularidade. O seu processo de formação – a “música a partir de estudos” em oposição a “música intuitiva”, ou a música que se aprende na escola e a que se aprende na rua. Vamos analisar os anos de profissionalização desse músico. Ele sai de Pernambuco para o Rio de Janeiro na década de 60 e depois segue para o exterior nas décadas de 60 e 70, e cria laços importantes nessas viagens que o levarão a produzir seus discos e depois CDs, com nomes internacionais. Morou em Paris e Nova York. Nana aprendeu a tocar vários instrumentos de percussão. Nos anos 60 se especializou em Berimbau. Trabalhou com vários músicos, entre eles, Milton Nascimento, Gato Barbieri, Egberto Gismonti, Don Cherry, Collin Walcott. Ele fixou residência na França, em Paris onde gravou o seu álbum “Áfricadeus” (1971). Naná também trabalhou em trilhas de filmes.

Palavras-chave: autoria, Nana Vasconcelos, “música a partir de estudos”, “música intuitiva”.

Democratização da criação e transformações na forma do poema

Lígia DABUL, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal Fluminense, Brasil.

Resumo

Esse trabalho foca mudanças nos processos de criação poética e na forma do poema que acompanham a democratização da escrita poética na web, concentrando nossas demonstrações no caso da poesia brasileira. De fato, a observação da poesia criada e veiculada na internet constata consideráveis transformações que vêm se dando já há décadas nas interações entre poetas e entre estes e seus leitores, e, principalmente, na forma e no ambiente do poema. Gostaríamos de apontar algumas maneiras por meio das quais poetas e não poetas interagem na internet em função de avaliações e práticas vinculadas à poesia, e apresentar algumas novas configurações que a criação poética vem assumindo nesse meio, em especial no que diz respeito a alterações significativas na forma, e, por extensão, na imagem do poema - sua silhueta, cor, textura, ambiente visual, dentre outras. Por sua difusão, e por diversas das suas características, tratamos esse processo como "improvisação cultural", tal como formulam Tim Ingold e Elizabeth Hallam, – generativo, apesar de basear-se em formas reconhecidas extensamente como poemas; temporal, ou seja, não eruptivo; extensivo, isto é, não redutível a rupturas individuais com modelos estáveis de criação; e como prática em boa medida naturalizada pelos atores sociais envolvidos.

Palavras-chave: poema, democratização, criação, poeta, web.

Antropologia das ficções

Emiliano Ferreira DANTAS, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Resumo

Pretendo refletir sobre representações visuais a partir de imagens icônicas para ampliar as possibilidades de construção de significados com a memória. Para isso, foram escolhidas imagens de fotografias, quadros, gravuras e etc, que o tema seja de pessoas, de preferência retratos, que foram muito reproduzidas e largamente divulgadas. Com as imagens escolhidas é feito um processo de imersão com um personagem que tenha características físicas semelhantes com a imagem icônica. Após o clima ser atingido, inicia-se uma seqüência de fotografias para gerar uma nova representação. A ideia é pensar o que é a realidade, qual o sentido da cópia e porque podemos considerar autêntico uma reconstrução de algo que já existe. O trabalho tende a tencionar perguntas durante sua apresentação; como é possível lançar-se nos domínios das imagens que criam memória e reconstruir fatos que não aconteceram e que passam a acontecer depois de imitados? O que o conhecimento gerado pela imitação de uma imagem pode nos proporcionar? Estas perguntas são lançadas para serem pensadas durante a exibição de dois ensaios fotográficos.

Palavras-chave: ficções, representações visuais, imagens icônicas, significados, memória.

Variações e conexões nas artes de Tamara Alves: experimentar, borrar, sujar, brincar e criar

Glória DIÓGENES, Laboratório Lajus, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Brasil.

Resumo

O artigo é parte de uma etnografia realizada em Lisboa sobre arte urbana e graffiti durante o ano de 2013. O texto evidencia as fluidas e porosas fronteiras que se desenham entre as múltiplas conexões e produções da arte urbana. Como caso exemplar, seguimos a trajetória da formação profissional da writer portuguesa Tamara Alves, que, além de “artista de rua”, se autoidentifica como designer gráfica, tatuadora, performer e DJ. Observamos que, na medida em que é dado ao artista a palavra possível de cerzir o underground com domínios de campos singulares de atuação profissional, ele passa a operar no circuito contínuo entre um dentro e um fora do mercado, entre trabalho e arte, entre brincar e fazer, tal qual sinaliza o pontilhismo das experimentações efetuadas por Tamara Alves. Concluimos, de modo provisório, que as divisas entre o tempo de fruição da vida e o relativo ao do trabalho, cada vez mais, se estreitam no âmbito das práticas e profissões consideradas criativas, aproximadas ao âmbito da arte, configurando novas agências e modulações no que se designa por trabalho e profissão.

Palavras-chave: arte urbana, circuitos sobrepostos, criatividade, brincar.

E - F

A arte pública na paisagem urbana: estetização da vida cotidiana e o testemunho da obra de arte

Cornelia ECKERT, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Ana Luiza Carvalho da ROCHA, Universidade Feevale, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Resumo

Tomando-se a cidade como matéria das ações simbólicas de seus habitantes, este paper relaciona a arte concebida e exposta em espaços públicos com o processo de estetização da paisagem urbana na vida cotidiana em que se vincula a experiência do artista em confronto com os valores éticos e estéticos presentes na vida coletiva de seus habitantes. A partir de imagens produzidas da arte pública interpretamos as tensões e conflitos existentes entre a herança da cultura do narcisismo presente à produção artística contemporânea e a vitalidade dos fluxos da memória coletiva que fundam a estética urbana da metrópole. Sendo Porto Alegre (RS, Brasil) o contexto de nossas pesquisas antropológicas, trazemos a questão das artes públicas nessa cidade. Tratamos dos espaços urbanos em que estes marcos ritmam a vida cidadina cumprindo a nobre função de atribuir sentido aos momentos vividos por seus habitantes emprestando referências capazes de consolidar os vínculos coletivos nas experiências geracionais tanto quanto de agenciar movimentos críticos aos determinismos ideológico-discursivos de produções oficializantes. Nos tempos atuais, ao desafiar os limites de galerias, centros de arte e museus, tal ordem de produção artística pretende influenciar as mudanças das paisagens urbanas. No entanto, pela tendência de supervalorizar a criação artística, colocando-a como consciência de um querer viver-coletivo, e situando-a para além dele, pode acabar, por deslocar o/a artista de seu lugar de produtor(a) de sentido no interior de uma comunidade de destino.

Palavras-chave: arte pública, cotidiano, cidade, memória coletiva.

Literatura e sedição: o campo artístico e o *esclarecimento* brasileiro (1750-1808)

Paulo César da C. FERNANDES, Universidade de Brasília, Brasil.

Resumo

Este é um estudo sobre o Iluminismo brasileiro, seus atores e campo intelectual. Um estudo comparativo entre duas inteligências: uma mineira, onde o arcadismo brasileiro surge e onde uma das tentativas de independência conta com a ajuda decisiva de artistas sediciosos; e a outra da Bahia, onde os intelectuais, apesar de membros do governo de Portugal, tinham laços estreitos com as demandas sociais e suas lutas contra a coroa. Esta pesquisa procura mostrar como esses autores/atores lidaram com as ideias européias, misturando-as com o seu próprio ideário e a cultura colonial do Brasil do Séc XVIII. O objetivo principal seria demonstrar como política, filosofia e arte estavam entrelaçadas com nossa cultura de uma maneira bem distinta, de forma que tivemos um iluminismo com cores nossas. O movimento iluminista europeu certamente foi uma referência, todavia em alguns momentos nosso aufklärung se moveu de maneira independente, forjando seus próprios caminhos e dinâmicas.

Palavras-chave: literatura; sociologia; Iluminismo; história do Brasil.

G - H

Arte com Todos (os cidadãos): o exemplo do monumento à multiculturalidade

M^a Assunção GATO, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, DINAMIA'CET-Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Filipa RAMALHETE, Centro de Estudos de Arquitetura, Cidade e Território, Universidade Autónoma de Lisboa, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, FCSH/NOVA - Universidade Nova de Lisboa.

Sérgio VICENTE, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Portugal.

Resumo

As múltiplas transformações sociais a que a sociedade portuguesa tem vindo a assistir nas últimas décadas – impulsionadas pelos processos de democratização, descolonização, urbanização, europeização, globalização e de mobilidade populacional como um todo – trouxeram para muitos municípios portugueses – em particular os da área metropolitana de Lisboa – dinâmicas populacionais e culturais mais plurais. Como consequência, emergiram novas populações urbanas de génese multicultural, levantando desafios de construção de novas cidadanias, mais diversas e capazes de integrar num mesmo território mosaicos identitários complexos. Um desses territórios é o Monte de Caparica, no concelho de Almada. Desde a década de 1960 que este território tem vindo a albergar populações vindas de várias regiões rurais do país, populações com raízes nos países africanos de expressão portuguesa em mobilidade na área metropolitana, populações de etnia cigana e, mais recentemente, populações imigrantes de países europeus e do Brasil. Neste território, conotado frequentemente como um espaço de conflito latente e onde o espaço público não potencia a integração nem a relação pacífica entre grupos de origem diferenciada, foi concluído em 2014 um parque urbano, que incluiu a construção de uma piscina e uma biblioteca. Com o intuito de celebrar a diversidade cultural dos residentes deste território e de a transformar num trunfo identitário e não num entrave à cidadania, a Câmara Municipal de Almada encomendou uma peça de arte pública destinada ao parque urbano. Com esta encomenda surgiria, através de um processo artístico colaborativo, o Monumento à Multiculturalidade. Nesta comunicação pretende-se descrever este processo de co-produção artística numa perspectiva de auto-reflexão crítica atendendo, por um lado, às possibilidades da utilização da arte enquanto motor de participação e envolvimento efectivo das populações locais em processos de cidadania activa e de projeto urbano e, por outro, às lógicas de replicação deste tipo de processos.

Palavras-chave: multiculturalidade, arte pública participada, cidadania.

Cruzamentos de palavra e visualidade na arte brasileira da década de 1950 aos anos 2000

Fernando GERHEIM, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo

Na exposição Esquema Geral da Nova Objetividade, realizada em 1967 no MAM-RJ, Hélio Oiticica se propôs traçar um panorama da arte brasileira "de vanguarda". Esta daria uma resposta brasileira original aos movimentos internacionais da pop arte e do novo realismo francês. No texto sobre a exposição, uma espécie de manifesto pós-neoconcreto, Oiticica aponta, entre outros aspectos, o que chamou de "volta ao mundo" na produção brasileira. Em relação à participação sensorial, apontada como característica da Nova Objetividade em continuidade com o neoconcretismo, Oiticica acrescenta a "participação semântica". Qual a relação entre palavra e visualidade aí implicada?

Para Arthur Danto, a pop arte rompe com a ideia de arte fechada em suas próprias questões estéticas, vale dizer, o "meio". Oiticica, por sua vez, defende que a arte não seja "um lugar separado, de questões estéticas", mas manifeste a "necessidade de abordar esse mundo com uma vontade e um pensamento realmente transformadores, nos planos ético-político-social". A participação semântica parece supor não só a comunicação direta característica da pop arte, mas também uma simbiose sensorial de palavra e visualidade. As frases de protesto nos parangolés de Oiticica são para o corpo vestir. E dançar. A proposta desta comunicação é pensar como a relação entre palavra e visualidade se transforma em diferentes momentos da arte brasileira, a partir da ideia de "participação semântica". Como a relação palavra/visualidade ocorre diante do privilégio ótico e de uma concepção mecânica do tempo no Concretismo? No sentido inverso, como palavra e visualidade se relacionam no trabalho de Artur Barrio, a partir da década de 1970, e nos trabalhos de Ricardo Basbaum e Fernanda Gomes, a partir da década de 1990. Como esses artistas transformam e deslocam a ideia de "participação semântica" nas relações entre palavra e visualidade que propõem em seus trabalhos?

Palavras-chave: artes visuais, nova objetividade, arte contemporânea brasileira, Hélio Oiticica.

A construção do valor fora do circuito euroamericano: o caso das artes indígenas da Austrália

Ilana Seltzer GOLDSTEIN, Universidade Federal de São Paulo, Brasil.

Resumo

A partir dos anos 1980, a produção artística dos povos indígenas da Austrália atingiu uma visibilidade no circuito expositivo e uma valorização no mercado que não encontram equivalência em outros países. Discutir sua produção, circulação e recepção representa uma oportunidade de reflexão especular, por meio da qual podemos compreender melhor o que (não) ocorre no Brasil, com base no contraste. A pintura feita com tinta acrílica sobre tela – que a nossos olhos parece abstrata, mas, na verdade, retrata passagens míticas – predomina no Deserto Central, ao passo que a pintura figurativa de seres e paisagens ancestrais, realizada com pigmentos naturais sobre entrecasca de árvore, é frequente no norte tropical, sobretudo em Arnhem Land. Elas se ramificam em dezenas de subestilos regionais, étnicos e familiares. Hoje, o repertório visual indígena cobre a Austrália de diversas maneiras, contribuindo para forjar uma identidade nacional que ajuda a diferenciar essa ex-colônia britânica de suas origens europeias. Nos principais museus de arte da Austrália, nas galerias comerciais voltadas à arte contemporânea, nos bancos e caixas eletrônicos das cidades turísticas, na decoração dos aeroportos e mesmo na fuselagem das aeronaves veem-se cangurus, iguanas, círculos concêntricos e outros grafismos indígenas. Minha comunicação retratará brevemente esse processo de “artificação” do repertório visual aborígine, sugerindo que diversos registros de valor se combinam – o valor cosmológico, o valor mercadológico e o valor político.

Palavras-chave: arte, pintura, povos indígenas, identidade nacional, Austrália,

A batida do fado: pesquisa artística e tradição cultural na periferia de Lisboa

Rui Telmo GOMES, Instituto Universitário de Lisboa, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Portugal.

Resumo

No âmbito de uma pesquisa etnográfica em curso sobre projetos de arte comunitária junto de populações jovens em contextos de pobreza na região de Lisboa, apresenta-se um caso de estudo que articula intervenção social e pesquisa artística, centrado na releitura de uma forma cultural de forte carga identitária como é o fado. "Fado dançado" é um projeto de arte comunitária que procura recriar uma variante histórica do género musical, hoje menos conhecida ou mesmo esquecida, bem diversa da canção urbana lisboeta identificada com a tradição do fado. Este projeto foi idealizado na sequência de um longo percurso coletivo dedicado à procura e atualização de referências culturais africanas, envolvendo artistas profissionais e amadores, em especial nas áreas da dança e percussão. Simultaneamente, procura-se o cruzamento com diferentes repertórios culturais associados às origens do fado (em particular influências árabes e brasileiras) e formas expressivas contemporâneas. O processo de trabalho que vem sendo desenvolvido implica não apenas a pesquisa artística e o exercício sobre linguagens antigas e contemporâneas, como também um esforço de enquadramento baseado em fontes documentais históricas e interpretações contemporâneas. Não menos importante, a montagem do projeto comporta formas de organização e novas parcerias que poderão abrir outros campos de possibilidade no terreno de intervenção do projeto. A partir das questões suscitadas por este caso propõe-se uma reflexão sobre o lugar da arte em programas de intervenção social.

Palavras-chave: arte comunitária, fado dançado, pesquisa artística, identidade cultural.

Ocupar e resistir: a inversão do cotidiano a partir da estética das ocupações de escolas públicas no Rio de Janeiro, Brasil

Renata de Sá GONÇALVES, Universidade Federal Fluminense, Brasil.

Resumo:

A partir de investigação realizada durante o período de abril a junho de 2016 junto às ocupações de três escolas públicas do estado do Rio de Janeiro por estudantes secundaristas, pretende-se nesta comunicação problematizar a dinâmica de transformação do espaço cotidiano escolar. Em meio a crise política que o Brasil vem sofrendo neste ano de 2016, acrescido das demandas e greves de professores das escolas públicas, as escolas foram "ocupadas" pelos estudantes. Aqui importa apresentar a articulação entre jovens estudantes a partir de suas atuações dentro e fora dos espaços das escolas, além de suas novas formas de organização, como meio de contestação em que a concepção de "lugares de resistência" ganha destaque. Neste contexto, vale destacar, por um lado, as propostas e demandas dos estudantes que realizam suas atividades de ocupação, a partir de criativos textos e imagens por eles produzidos. Aqui é fundamental abordar como espaços do cotidiano da escola são transformados esteticamente a partir de frases pintadas nos muros, cartazes e imagens coladas nas paredes. As cadeiras de sala de aula são reposicionadas no espaço interno da escola e levadas para o espaço das ruas fazendo parte dos protestos. Espaços como áreas verdes, salas de aula, salas de estudos são transformadas, habitadas pelos estudantes ocupantes, que as reorganizam e produzem novas estéticas do cotidiano escolar. Os estudantes entoam cantos, produzidos por eles próprios, adaptando algumas melodias do funk como "baile de favela" que se torna uma música manifesto. Por outro lado, a produção de imagens e o uso do audiovisual pelos pesquisadores pode também servir como importante recurso metodológico e de pesquisa. No âmbito desta pesquisa produzimos o vídeo Ocupa Educação sobre o qual também falaremos.

Palavras-chave: escola, protesto, ocupação, audiovisual.

Writing on Walls - a Jornal de Parede - Engaging a dialogue through creative interventions in-the-streets by contemporary ethnographic research and representation

Véronique Van GRIEKEN, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

Resumo

The world of street art is a world full of controversies, labelled by the artist, his/her artwork, the audience, the authorities and institutional organizations. It is an interesting (sub)culture where symbolism and communication reveal many issues for a practical as well as ideological debate. By focusing on several performers and projects, I tend to demonstrate to “[...] use art as a form of social mediation” (Ferro in Cordeiro, Ferro, Sieber 2012:277). Within my research I aimed at revealing an outdoor field of creative interventions (ref. street art, urban art, graffiti...), but also in highlighting how streets can be a more ephemeral, creative, expressive and accessible platform for ethnographic research to represent data. This is to combine the symbolical trilogy of process (ethnographic fieldwork), product (collaborative art projects/exhibitions/artistic interventions in-the-streets), and people (engagement, involvement and commitment of the people you present and represent) in words and images, in different materials, in different locations.... to translate topics with a certain collective thought that are sometimes “more difficult to express with words” (Coemans & Hannes 2016). But also to express the diversity of narratives and experiences into a more interactive, interartive, interconnected manner. Especially in urban public space these interventions can give meaning to the everyday encounters, and they can create a(n) (intercultural) dialogue.

Palavras-chave: street arts, anthropology, ethnography, dialogue.

Lembranças do último verão. Festivais de música, ritualizações e identidades na contemporaneidade portuguesa

Paula GUERRA, Faculdade de Letras, Instituto de Sociologia, Universidade do Porto, Portugal, Griffith Centre for Cultural Research, Portugal.

Augusto Santos SILVA, Instituto de Sociologia, Faculdade de Economia, Universidade do Porto, Portugal.

Ana OLIVEIRA, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, DINAMIA'CET- Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Tânia MOREIRA, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Universidade do Porto, Portugal.

Resumo

A importância da música ao vivo – live acts e gigs - é por demais reveladora de toda a matriz de plasticidade musical ao nível estético, artístico, emocional. Assim, consideramos que a (re)tradução científica da fruição musical só pode ser completa por um percurso observacional dos seus actos permitindo ir para além da previsibilidade dos inquéritos por questionário acerca dos gostos, frequências e práticas musicais. A observação sistemática - e sua inscrição numa matriz observacional – de três festivais de Verão (Optimus Alive, Primavera Sound e Paredes de Coura) durante a última década, assumir-se-á como o corpus de análise desta comunicação. Estaremos próximos, aqui, de um novo tipo de relação para com a música – assim, para além das posturas ortodoxas da música como obra de arte a ser admirada e enquanto actividade colectiva transmissora de identidades, estes palcos musicais – que apelidamos de totais porque propiciam criação, mediação e fruição musical – são plenos observatórios de práticas e valores artísticos, culturais e juvenis no tocante ao Portugal contemporâneo. E isto é particularmente importante ao nos situarmos na esfera do “cosmopolitismo estético” contemporâneo. Este cosmopolitismo refere-se a uma capacidade estética e a um prazer afetivo na experiência e navegação da diferença cultural através do consumo e da participação em fluxos culturais. Indubitavelmente, os festivais de música têm vindo a permitir essa vivência cosmopolita de forma acelerada e contundente face a outros contextos de experientiação musical e artística, porque têm ganho em termos de liturgias e de crentes.

Palavras-chave: festivalização da cultura, cenas musicais, festivais de verão, identidade portuguesa, consumos (e fruições) omnívoros

A canção ainda é uma arma: narrativas da crise na música popular urbana portuguesa

Paula GUERRA, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Griffith Centre for Social and Cultural Research, Portugal.

Augusto Santos SILVA, Instituto de Sociologia, Faculdade de Economia, Universidade do Porto, Portugal.

Susana JANUÁRIO, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Universidade do Porto, Portugal.

Tânia MOREIRA, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Universidade do Porto, Portugal.

Resumo

Esta comunicação apresenta uma abordagem de um conjunto de canções portuguesas que cantam a crise contemporânea. Ao trabalho que aqui apresentamos esteve subjacente uma finalidade assente num princípio heurístico primordial: o de demonstrar de que forma as manifestações artísticas – neste caso em particular a música em vários dos seus (sub)géneros – constituem elas próprias matéria e objeto de intervenção social, demarcando um espaço próprio, definido e específico na denúncia e revelação de problemáticas sociais e na contestação, desconstrução e acusação dos problemas que atravessam a realidade social. Através da abordagem de 16 canções de vários músicos/bandas portuguesas, estamos perante manifestações que procuram denunciar e, por vezes, incitar no sentido da mudança, a ação. Constituem-se, portanto, elas próprias marcadores de um espaço próprio, produtor temático e não apenas mero reflexo da realidade social. Canções insurgentes e demarcantes instigam a leituras e desconstruções da própria realidade constituem-se, simultaneamente, em elementos integrantes de uma identidade coletiva resultante e resultado de um processo significativo de autorreflexividade.

Palavras-chave: canção, crise, identidades, resistência, denúncia.

Corpetes, pulseiras e batons: género e diferença na cultura punk em Portugal e no Brasil

Paula GUERRA, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Griffith Centre for Social and Cultural Research, Portugal.

Gabriela GELAIN, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Grupo de Pesquisa CultPop, Brasil.

Resumo

Esta apresentação visa contribuir para a compreensão da emergência da cultura jovem em Portugal e no Brasil, concretamente no que significa ser jovem hoje, sobretudo uma jovem do género mulher. Concentramo-nos na emergência desta cultura associada ao punk, uma vez que este é particularmente simbólico dos movimentos associados à liberdade, ao cosmopolitismo, à modernidade e à estética. Em termos teóricos e empíricos, encontramos um hiato no que se refere à presença das mulheres na (sub)cultura punk e culturas juvenis em geral, sendo esta uma das razões pelas quais o presente trabalho estreita a margem de análise para as experiências femininas entre as realidades de Portugal e Brasil. Assim, torna-se crucial abordar e analisar o desenvolvimento das diferenças de género e das semelhanças no punk sentidas, representadas e afirmadas pelas mulheres destas nacionalidades. Este esforço sustenta-se e dá continuidade a uma linha de análise crítica das (sub) culturas jovens e das cenas musicais fora de um contexto anglo-saxónico, analisando o pressuposto do ethos igualitário e intervencionista que surgiu no punk como estética e práxis reflexiva. Apesar da presença de mulheres desde o início do punk e a pretensão de igualdade de género vigente nos últimos anos, o que se destaca é a existência de uma persistente negação de papéis principais em cenas punk – emergindo uma espécie de inviabilidade feminina e feminista, em que as poucas mulheres que lhe chegaram foram objecto de violência física e psicológica – e simbólica. Esta "falta de mulheres" no âmbito do punk foi sentida como um ultraje e como um grande exemplo de hegemonia masculina em termos da história da cultura popular e das culturas juvenis. Com o objectivo de explorar esse espaço de fortes contradições no punk e culturas juvenis, este artigo reflecte a análise entre histórias de vida de mulheres no punk brasileiro e no punk português: de 10 histórias de vida de mulheres que, devido à sua idade, viveram o início precoce do punk em Portugal (1970-1980) e de 10 mulheres que participaram e continuam vivendo o movimento Riot Grrrl no Brasil (1995-2016).

Palavras-chave: manifestações artísticas, punk, género, Portugal, Brasil.

#território #cultura #diy

António GUTERRES, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, DINAMIA'CET-Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Resumo

Sucessivas vagas de migrações: êxodo rural e imigração internacional; principalmente a partir da década de cinquenta do século vinte; contribuíram para que a Área Metropolitana de Lisboa chegue hoje quase aos três milhões de habitantes, com um arco de influência de mais de quatro milhões.

De diferentes origens, ancestralidades e referências; algumas das expressões cultura do quotidiano da população da cidade encontram-se: fruindo para novas linguagens específicas da geografia social criada; outras são mais dissonantes e, mesmo que populares, estão afastadas dos circuitos institucionalizados de circulação e daquilo a que se denomina por mainstream.

Na presente proposta, propõem-se discutir a importância da organização económica, política e social do território de Lisboa e como condiciona as práticas culturais do quotidiano da cidade. Do mesmo modo, propõem-se interpretar que ferramentas e sistemas são utilizados para ultrapassar as condicionantes referidas.

Palavras-chave: economia, política, práticas culturais do quotidiano, Lisboa.

Entre drags e (trans)formistas: trânsitos de gênero enquanto arte e construção de identidades no Brasil e em Portugal

Caio Cesar KLEIN, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Guilherme Gomes FERREIRA, Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.

Resumo

Desde “Paris ir burning” (Jennie Livingston, 1990) que a cena drag queen e da arte transformista vem ganhando visibilidade nos medias e no conjunto da sociedade nos mais diferentes lugares do mundo. Entretanto, o aparecimento desse tipo de arte e profissão tem seus contornos delineados através de particularidades regionais, cujas características sociais, culturais e económicas nomeiam esses sujeitos de diferentes formas e intervém na própria identidade de quem atua como transformista. No Brasil, a década de 1980 e 1990 trouxe a cena transformista através de sujeitos cujos quotidianos também eram de transição do gênero, como as travestis e mulheres transexuais, mas os últimos anos foram de amadurecimento do conceito de “drag”, que se distanciou do “transformismo” e vem sendo requisitada por artistas mais jovens. Já em Portugal, o “transformista” recebe outro significado e algumas vezes é também tratado como aquela pessoa que vive a transgeneridade, de modo que os conceitos de “travesti” e “transformista” ora se misturam. A intenção dessa investigação é, portanto, estabelecer relações entre as noções conceituais de transformismo no Brasil e em Portugal e traçar suas histórias em cada país, procurando conhecer preliminarmente os antecedentes e origens da cena transformista desses lugares. Investiga-se também as diferentes categorias utilizadas para descrever esse tipo de performance, como por exemplo ator-transformista e drag queen, e a aproximação ou distanciamento desse tipo de arte com as identidades transgênero (transexual, travesti, etc), procurando encontrar relações entre a arte e a própria elaboração de identidades de gênero do/da artista.

Palavras-chave: transformismo, drag queen, gênero, transgênero.

A vida loka e o menor brasileiro

Joanna Angelo LADEIRA, ONG Borda Cidade Convivência e Pesquisa, Brasil.

Resumo

A Borda Cidade Convivência Pesquisa é uma ONG que se orienta pelo saber da experiência em pesquisas e ações e apresenta novas narrativas sobre a vida loka do jovem brasileiro, principalmente por meio de dois projetos e seus produtos, construídos coletivamente: a revista em quadrinhos “Vida Loka: porque o guerreiro de fé nunca gela” e o Filme de Rua. A revista é resultado da pesquisa “A vida loka como invenção de vida e escrita de adolescentes e jovens”, realizada pela Borda em Cooperação Técnica com o CNPQ (desde 2011). Da pesquisa à extensão, da criação coletiva do roteiro e personagens, aos lançamentos itinerantes da revista (com rodas de conversa com leitores), apresentamos a ampliação de perspectiva que provocamos tanto sobre a vida loka, quanto sobre a história do Menor (personagem central da revista), cujo destino permanece aberto no fim da história e convida, de alguma forma, à reescrita dessa história, a cada nova leitura. O Filme de Rua é outro projeto da Borda, em parceria com jovens que vivem na rua em Belo Horizonte, um convite para que “façam seu filme”. A música que conduz e nomeia o filme, a “História de um Menor”, de autoria de um adolescente, revela a interface entre os dois projetos, que convidam a rever a forma como os chamados “Menores” são vistos no Brasil, como são tratados e, mais importante, as formas que encontram ou inventam para (r) existir, mesmo se estão “programados para morrer”, como escrevem os Racionais.

Palavras-chave: "vida loka", cultura urbana, juventude, cidade.

Ruturas, rimas e fissuras pela arte que vem das margens: coletivos culturais juvenis em Feira de Santana-BA

Denise Helena Pereira LARANJEIRA, Universidade Estadual de Feira de Santana, TRACE, Brasil.

Eduardo LUEDY, Universidade Estadual de Feira de Santana, TRACE, Brasil.

Mirela Figueiredo Santos IRIART, Universidade Estadual de Feira de Santana, TRACE, Brasil.

Ivan FARIA, Universidade Estadual de Feira de Santana, TRACE, Brasil.

Resumo

A comunicação tem como base o projeto de pesquisa Consumo e produção cultural: experimentações estéticas, éticas e políticas entre jovens de Feira de Santana –Ba. Dentre os objetivos principais da investigação desenvolvida pelo Núcleo de estudos e pesquisa Trajetórias, Culturas e Educação (TRACE/UEFS), destaca-se o debate em torno dos significados políticos, sociais e estéticos presentes nas formas de produção, consumo e difusão cultural, junto aos coletivos juvenis. A pesquisa revela que, na cidade, diversos coletivos e grupos culturais vivenciam sua capacidade de expressão artística e mobilizam formas criativas de intervir, interpretar e construir sentidos sobre a cidade - em suas contradições centro-periferia -, sobre a cultura e o ser jovem. Um dos circuitos investigados constitui-se pela arte de rua, particularmente o grafite e o hip hop - Coletivo Vozes e o Grupo H2F. Na mescla da música e grafite, esses grupos por meio da arte revestida de compromisso político, têm feito intervenções sociais em suas comunidades de origem, e para além delas. Alcançam um empoderamento de dentro, pelo reconhecimento local, e fortalecimento dos laços de convivência. Buscam de forma colaborativa, uma intervenção artística que produza transformação social no espaço urbano, e potencialize o pertencimento social significativo, ampliando o capital social e cultural dos jovens em bairros de periferia.

Palavras-chave: culturas juvenis, cidade, redes colaborativas.

Arte digital como meio de comunicação histórico-social no exemplo das “Revoluções” de Jaime Vasconcelos

Joanna LATKA, Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Portugal.

Resumo

Esta comunicação tem como objectivo apresentar o projeto Revoluções de Jaime Vasconcelos, onde artista mostrou ao público as suas reflexões históricas-sociais, que faz-nos regressar a uma realidade da nossa contemporaneidade, infelizmente construída com guerras, rebeliões, revoltas, revoluções.

O fotógrafo, cada vez mais afastado de fotografia “clássica”, procura as novas formas entre médio da fotografia, desenho e/ou tratamento digital, e apresenta-nos assim, as obras que tecnicamente podem-se tratadas como uma arte fotográfica situada nos limites extremos das manifestações de arte tradicional e da vanguarda tecnológica. Olhando atento vemos - nos que as fotografias-primas, desparecem abaixo das camadas das “tintas” ou “texturas” aplicadas digitalmente, construindo assim uma visão particular do imaginação de Jaime Vasconcelos: suor, sangue, lágrimas, risos, vitórias e perdas. Pessoas que num determinado momento juntaram as suas forças e vontades e foram à conquista de uma causa comum: os seus direitos. Nas obras que artista produziu para Revoluções, reconhecemos um aspecto comum que revela toda a obra de Jaime Vasconcelos: a perspectiva política inerente: estas revoluções vieram de baixo, à terra foram buscar forças para a sua luta, e daí nasceram novos conceitos e mundos. Exatamente através desta reflexão social artista propunha-nos uma viagem pela memória histórica dos vários povos, na qual encontramos momentos que conhecemos e que pertencem à nossa herança cultural, como a Revolução Francesa ou o 25 de Abril, outros de que remotamente nos lembramos, como a revolução de Atenas, entre outras.

Palavras-chave: arte digital, Jaime Vasconcelos, revoluções, sociedade.

Imagem na mediação em arte

Lidia Lobato LEAL, Instituto Federal de Goiás, OLHO - Laboratório de Estudos Audiovisuais, Faculdade de Educação, UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas, Brasil.

Resumo

A proposta deste trabalho é debater como o uso de imagens, por docentes da área de artes visuais e de outras disciplinas que se utilizam de mensagens visuais, pode gerar mudanças na forma de ver e compreender a realidade tanto em sala de aula, quanto no mundo que circunda a escola. A utilização de imagens em sala de aula é um recurso de mediação basilar da área das artes visuais e em várias disciplinas desde a Educação Básica até Ensino Superior, pois utilizam em seu escopo esse recurso como elemento fundante de análise. A teoria da Imagem, a filosofia da arte e a cultura visual se inserem como corpos teóricos utilizados neste estudo, sendo úteis não apenas para fazer as ligações metodológicas, mas também as críticas necessárias à produção, circulação e consumo de imagens. As mensagens visuais permeiam nosso cotidiano e se faz necessário compreendê-las tanto do ponto de vista metodológico, teórico, bem como sua história social, as relações que produtores visuais (artistas, cineastas, fotógrafos, publicitários) mantêm com a sociedade que consome esta produção. E que, ao buscarmos uma reflexão sobre os modos de olhar e ver estaremos promovendo habilidades, tanto em docentes quanto em discentes de se relacionarem de forma ativa (inter-relacionais), criativa e crítica com o mundo visual em que estamos submersos. Este trabalho pretende enfatizar os aspectos teórico-metodológicos envolvidos no trabalho docente com imagens, na mediação, nos momentos de experimentação mediante a utilização de dispositivos e seu caráter pedagógico, que será trazido por meio do debate entre os autores e os aspectos culturais que envolvem o ciclo de utilização de imagens por docentes da educação básica, buscando compor uma "história do cotidiano escolar".

Palavras-chave: imagem, educação, arte, mediação.

Novas práticas de profissionalização da geração *slash*

Eduardo Carneiro LIMA, Universidade Federal do Ceará, Brasil.

Ana Cristina Batista dos SANTOS, Universidade Estadual do Ceará, Brasil.

Resumo

Em tempos de poucas possibilidades de carreira, espera-se dos jovens uma atuação e domínio de múltiplas atividades, rompendo com os padrões do especialista que sabe muito de um assunto só. Fala-se das novas formas de profissionalizar a criatividade (Pais, 2012), movimento que concede à criação artística um caráter mais profissional. E é a criatividade, dessa forma, que pulsa entre os integrantes dessa geração, nomeada de geração slash (Eugenio, 2012), que encontram na experimentação a possibilidade de novas práticas profissionais e de carreiras. O “despertar” dessas novas práticas entre os profissionais dessa geração, evidenciam o desponte de um possível paradigma a ser enfrentado pelas organizações, qual seja, profissionais que poderão privilegiar a flexibilização de novas práticas profissionais e experimentações artísticas em detrimento à lógica do vínculo formal, vitalício e linear. Este ensaio teórico tem por objetivo discutir as novas práticas profissionais e de experimentações da geração slash, mediante análise de uma trajetória que condense as variáveis presentes nesse fenômeno. Além do caso exemplar, pesquisas documental e bibliográfica confirmaram algumas dessas novas práticas, bem como possíveis razões de interesses compartilhados entre os profissionais da geração slash.

Palavras-chave: carreiras, profissionalização, experimentações artísticas, geração slash.

M – N

Apropriações contemporâneas da arte azulejar

Marluci MENEZES, Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Portugal.

Resumo

A partir de uma perspectiva antropológica das práticas e significados sociais da arte azulejar, discute-se algumas das expressões que sobressaem no âmbito da contemporânea apropriação desta arte. Para efeito, relata-se o percurso de pesquisa efectuado, pontuando os aspectos que têm permitido tomar o azulejo como bom para pensar a mediação entre memória, cultura, identidade e sociedade. Discute-se, assim, não só uma capacidade continuada de renovação da arte do azulejo, mas sobretudo uma apropriação transfiguradora de entendimento e uso do azulejo. No sentido de alinhavar as linhas futuras de investigação, apresenta-se e discute-se, por fim, os potenciais sentidos e significados desta nova apropriação da arte azulejar.

Palavras-chave: azulejo, património, significados sociais, antropologia.

Área de convivência – espaço de escutas múltiplas

Virgínia MOTA, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Ateliê Nômade, Área de Convivência, Brasil.

Jean D. SOARES, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Área de convivência, Brasil.

Resumo

A *Área de convivência* é um espaço físico, escrito e dialógico, contíguo à exposição do Prêmio IP de Arte, o mais proeminente e crítico prêmio atribuído a artistas em início de carreira no Brasil. O PIPA, como é conhecido, é uma das mais conhecidas janelas da arte contemporânea brasileira na atualidade. Em sua *Área de convivência*, o prêmio tem reunido artistas colaboradores com diferentes públicos da exposição. O objetivo dessa área é criar um espaço de relação e escuta no interior do museu, não estando subordinado às obras em exposição. Nela, os artistas desenvolvem atividades que despertem interesse reflexivo e plástico, enquanto conjunto de ações coletivas, nas quais o espaço de criação é partilhado por quem o visita esporadicamente ou quem o atravessa cotidianamente. Além disso, uma *Área de convivência escrita* em livro é elaborada ao longo da exposição de modo a permitir a partilha de outras maneiras de estar e viver entre os artistas colaboradores, que não se encontram na maior parte do tempo. Essas intersubjetivações se aproximam do que ali se conjuga: falas e escutas múltiplas, uma arte posta em ação e que depende de todos que queiram intervir. Por fim, através da rubrica *PIPA Convida*, a *Área* recebe rodas de conversas sobre perspectivas e projetos bastante diversos, que vão desde oficinas de poesia a proposições de caminhada, em busca de outras áreas de convivência nacionais e internacionais.

Palavras-chave: convivência, espaço, escuta.

Pelo direito à diferença: estratégias, atores e posicionamentos do *indie rock* português

Luiz Alberto MOURA, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.

Paula GUERRA, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Griffith Centre for Social and Cultural Research, Portugal.

Resumo

Tal como se apresenta "pretende ser um retrato fiel dos projetos emergentes da cena musical portuguesa", o Fnac Novos Talentos Música (assim como suas vertentes em outras artes) traz para o grande público cerca de 30 nomes emergentes da música independente nacional. Embalado em um CD duplo e com preço acessível, o projeto que conta já com a sua nona edição, tem como mote o de revelar, a cada ano, uma nova geração de músicos locais. Este trabalho pretende discutir o uso da linguagem usada pela empresa e se há uma nova apropriação de uma estética indie por uma grande corporação como uma estratégia de marketing. Uma nova via de ação, não mais "tirando" o artista da independência, mas deixando-o lá e "promovendo-o" dentro de uma promessa de "liberdade artística e a promoção da diversidade cultural, à margem das correntes, desprendida de estilos e de modas". A avaliação do grau de independência do projeto passa ainda pela abordagem das instâncias de canonização do subcampo do rock alternativo português – dimensão central de afirmação do indie rock português desde meados dos anos 1980. Concomitantemente, é importante entender o posicionamento destas bandas face a estas estratégias de divulgação e como é que estas perpetuam o seu ethos indie. Em suma, analisaremos esta iniciativa como fulcral para a canonização indie no tempo actual da música moderna portuguesa, apresentando atores, estratégias e posicionamentos caracterizadores do rock alternativo português contemporâneo.

Palavras-chave: indie, Fnac, música alternativa, marketing.

O - P

Espaços urbanos: entre a cultura, a imagem e a intervenção Uma reflexão a partir de três intervenções na cidade do Porto

Ana OLIVEIRA, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, DINAMIA'CET- Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Paula GUERRA, Faculdade de Letras, Instituto de Sociologia, Universidade do Porto, Griffith Centre for Cultural Research, Portugal.

Resumo

Reflectir hoje sobre os espaços urbanos implica equacionar uma constante e cada vez mais acentuada convergência entre economia e cultura, que tende também a traduzir-se em termos das estratégias políticas das cidades. Efectivamente, tem sido evidente a mudança na percepção da importância económica da cultura, agora generalizadamente assumida como factor de atractividade e como elemento central das estratégias políticas de desenvolvimento urbano. No presente artigo propomos uma reflexão sobre esta temática, reportando-nos a um ensaio fotográfico em torno de três iniciativas e projectos culturais que ocorreram na cidade do Porto e que têm na sua génese a intensa simbiose entre cultura, espaço urbano e políticas culturais. Dão conta da invasão das cidades pelas imagens e pelo simbólico e, ao mesmo tempo, ilustram a valorização das actividades culturais na transformação do espaço urbano, seja através de intervenções urbanas com um carácter regular, seja através de intervenções urbanas mais pontuais que convocam novos usos para espaços abandonados e/ou degradados, alterando a paisagem urbana.

Palavras-chave: cultura, imagem, cidade, políticas de desenvolvimento urbano.

"It Was Easy, It Was Cheap, Go & Do It": a importância do *do it yourself* na cena do rock alternativo

Ana OLIVEIRA, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, DINAMIA'CET-IUL, Portugal.

Paula GUERRA, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, Griffith Centre for Social and Cultural Research, Portugal.

Pedro COSTA, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, DINAMIA'CET- Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Resumo

A abordagem das carreiras musicais DIY reside na premissa de que a música é um pólo de unificação das actividades, entendida como um conjunto de actividades comerciais. A análise da produção musical é baseada numa perspectiva empresarial sobre trabalhadores criativos e, especificamente, sobre os músicos. Vários autores têm prestado especial atenção para os "novos independentes", trabalhadores freelancers envolvidos numa lógica de redução da especialização e de promoção competências múltiplas, o que os faz assumir simultaneamente o papel de músicos, produtores, designers e promotores, gerando contaminações entre vários subsectores artístico-criativos, e diluindo os limites entre o profissional e o amador, numa esfera social marcada pela densificação relacional. Esta ênfase é baseada no exercício da teoria social para revisitar um dos valores fundamentais da subcultura de punk - o ethos DIY, que assenta na capacitação, na tomada de posse dos meios de produção, como uma alternativa aos circuitos de produção tradicionais. Trata-se de mobilizar a atitude DIY (resistência, realização, liberdade, ação coletiva) como novo padrão para promover a empregabilidade, gerindo a incerteza e precariedade desta opção em termos de construção de uma carreira profissional. A partir do caso do HAUS pretendemos explorar a relevância das lógicas e dos procedimentos DIY na construção e manutenção de carreiras musicais no rock alternativo, considerando seu impacto sobre a oferta musical de Lisboa.

Palavras-chave: DIY, carreiras musicais, rock alternativo.

Claire: arte, corpo e gênero em Grayson Perry

Cláudia OLIVEIRA, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo

Este paper propõe uma reflexão acerca do modo pelo qual a história da arte mais recente tem revelado transformações importantes na percepção que os artistas têm tido de si e de seu corpo na construção de sua arte. Tomamos o artista britânico Grayson Perry como um exemplo destas novas configurações artístico-identitárias. Perry tem sido visto pela crítica de arte como um dos mais provocativos artistas que emergiram no cenário artístico internacional desde a década de 1990. Contudo, Perry tem dividido o *stabliment* de curadores e críticos de arte britânicos, despertando dúvidas, em relação ao seu trabalho e a sua identidade - vistos pelo mundo da arte como “coisas” estranhas. Quais seriam os fatores dessas visões divergentes? Quais seriam os desconfortos e estranhamentos em relação ao artista e sua arte? Dois aspectos são bastante significativos nesta divisão de opiniões: Perry é um ceramista, e, é também um *cross-dresser* – cuja alcunha é Claire. A nosso ver, Grayson Perry, através de Claire, vem investigando a temporalidade, a eventualidade e a instabilidade do corpo, explorando a ideia de que a identidade, mais que uma qualidade inerente, se “representa” dentro e fora das fronteiras culturais. A partir da relação entre os campos da arte, corpo e gênero, este paper buscará responder se a masculinidade e a feminilidade da identidade Grayson Perry, evocadas por Claire, são mecanismos que juntos atuam na construção de sua arte, ou, se Claire é simplesmente uma recriação ou, ainda, um fetiche desconectado do processo artístico de artista.

Palavras-chave: arte, corpo, sexualidade.

Arte *naif*, reprodução e apropriação: o caso dos “Chicos da Silva” em Fortaleza, Brasil

Gerciane Maria da Costa OLIVEIRA, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Brasil.

Resumo

Partindo do caso do artista Chico da Silva (1910-1985), Pintor *naif* cujo estilo pessoal tornou-se uma maneira de pintar disseminada entre uma legião de anônimos do bairro Pirambu na Fortaleza da década de 1960, o presente estudo busca refletir acerca dos limites tênues e movediços que se estabelecem entre a produção pictórica ingênua e a amadora. Classificada como um conjunto de manifestações estéticas não eruditas, autodidatas e espontâneas, a arte *naif* se apresenta como uma expressão estética executável por pessoas não integradas ao mundo da arte e aos seus circuitos oficiais, isto se deve, em parte às condições particulares do campo de produção *naif* que na ausência do diálogo com a história artística e cultural, proporcionou que desavisados do legado do passado estético pudessem se afirmar como artistas integrados. No caso do pintor Chico da Silva a disjunção que se operou entre a obra celebrada pela crítica internacional e àquela comercializada desde os anos de 1960, permitiu que cerca de quinhentas pessoas entre mulheres, homens e crianças produzissem quadros a sua maneira. Contudo o que parece ser uma dinâmica produção em massa de cópias de obra de arte, assume aspectos particulares, considerando que no processo de decalque das prototipias (desenhos padronizados, geralmente de aves, referenciados no universo temático de Chico da Silva) os pintores se apropriavam da linguagem e do estilo do Artista primitivo, ainda que de forma alegórica, compondo uma série de variações que apresentavam certa autonomia frente à matriz geradora. Tal fenômeno resulta na elaboração do universo temário coletivo que passa a ser disseminado e apropriado massivamente.

Palavras-chave: arte *naif*, apropriação, reprodução.

O lugar das artes na política cultural: dimensões e questões das políticas de fomento às artes

Maria Carolina Vasconcelos OLIVEIRA, Centro de Estudos da Metrópole, Universidade de São Paulo, Brasil.

Resumo

O artigo apresenta uma reflexão sobre as políticas de fomento às artes, que consistem em uma das modalidades mais antigas da política cultural. A relevância dessa agenda vem sobrevivendo às décadas, mesmo diante da emergência de outros temas como cidadania cultural e convivência intercultural. A reflexão proposta se inicia com uma breve retomada histórica do momento da autonomização dos campos artísticos, em que as esferas da arte passaram a reivindicar independência em relação ao mercado e lógica econômica/comercial (como mostram trabalhos de autores de diferentes tradições, de Pierre Bourdieu a Raymond Williams). Procuramos mostrar como a autonomização relacionou-se à reivindicação por uma arte pública, que precisava ser financiada em outra esfera, que não o mercado. Isso está na origem do surgimento das políticas de fomento às artes em sua forma moderna. Hoje, é cada vez mais claro que as formas artísticas, ao menos em alguma medida, refletem suas condições de produção. Após essa discussão conceitual e histórica, nomearemos algumas dimensões importantes para se pensar políticas de fomento às artes – que se traduzem em modalidades de ação específicas. Serão discutidas ações voltadas para públicos e participação e, principalmente, ações e programas voltados para a produção e a difusão artística. Essa discussão será ilustrada com questões e iniciativas empíricas, observadas pela autora no contexto paulistano atual.

Palavras-chave: artes, políticas de fomento às artes, sociologia.

O pregão do cancionero e outras cantigas no “Menino Atrasado” de Cecília Meirelles

Elizângela Gonçalves PINHEIRO, Universidade do Porto, Portugal/Brasil.

Resumo

O teatro de Cecília Meirelles aborda questões do romanceiro popular brasileiro, herança do cancionero medieval ibérico. O ritmo longo e as reescritas demonstram consciência do desvio da moral e da racionalidade pela vivência real e a não sacralização da narrativa original em torno do nascimento do menino Jesus. A autora trabalha com a linguagem mnemônica e acessa às camadas primeiras das narrativas tradicionais. Faz uma inversão dos três Reis Magos, da paráfrase bíblica do Evangelho de Mateus, como aponta no Códice de Toledo das Cantigas de Santa Maria no 424, “Pois que dos reys Nostro sennor”, del Rei Sábio. O jogo antitético retrata os meandros da intimidade do Natal que englobam desde a simplicidade do nascimento à vida do menino atrasado. A intensificar o efeito mimético com os pregões na rua, da baiana vendendo a cocada; o sorveteiro e as trovas do violeiro criam o ambiente de natal tipificado. A reviver aquilo que Carolina Michaelis nomeia como “o cantar velho da criação verdadeiramente popular” e aquilo que Walter Benjamin manifesta quando fala do Narrador, já que “o narrador é a figura em que o justo se encontra a si mesmo” (1936, 240). As configurações no século XX do teatro litúrgico do menino atrasado trazem a música cantada na rua pelos pregoeiros como experiências históricas preexistentes da antiguidade, no corpo dialogado de quem trabalha e tem uma vida na rua; o menino, o doceiro, na forma de vendedor; o Velho, Chico Antônio, a nega Quitéria, todos a ambientar a atmosfera natalina. E que depois Elomar Figueira Mello em “Noite de Santos Reis” faz uma versão sertaneja a retomar o mito original da narrativa sagrada do nascimento de Cristo. Há uma natural humanização do Cristo, sobretudo quando este pode ser qualquer menino pobre inclusive do Nordeste brasileiro. Recupera, desta maneira, as poesias profanas de Afonso X, no fazer satírico, no lirismo e, por vezes, até na rima.

Palavras-chave: cancionero, menino, atrasado, Reis Magos, Santo Reis.

Q – R

Das coleções regionais à moda: o que e onde guardar?

Patricia REINHEIMER, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo

Esse trabalho pretende cotejar dois períodos da coleção de uma artista que imigrou da Alemanha para o Brasil fugindo do nazismo, em 1935. Procurarei analisar o papel das coisas na transição entre a produção de uma singularidade individual vinculada à “produção artística” e ao consumo e o contexto atual de organização dessas coisas em uma coleção com objetivo de doação para uma instituição de guarda. Olly começou sua carreira artística concomitantemente ao início da estatização de coleções regionais, constituídas de objetos da “cultura popular”. Esse processo estimulou também a formação de coleções particulares. Os objetos dessas coleções eram vértices de uma rede de relações que não interagiam a partir de pertencimentos nacionais, religiosos ou ideológico-partidários, mas que forjava uma nova coletividade tendo a estética, a criatividade e o “estilo de vida” como uma gramática que os conectava. No contexto atual, a moda adquiriu novo estatuto na política pública brasileira. Isso viabilizou um projeto de organização das coisas de Olly. Entretanto, os objetivos distintos de Olly ao guardar coisas e produzir seu trabalho e os atuais objetivos para organização do que restou de suas coisas colocam questões como: o que constitui essa coleção, como deve ser organizada, para que tipo de instituição de guarda deve ser entregue? A trajetória de Olly atravessa diferentes disciplinas. Portanto, as coisas são disputadas por conhecimentos específicos com objetivos distintos. Pretendo aproveitar o seminário para compartilhar as perguntas (sem necessariamente responde-las).

Palavras-chave: arte, coleções, patrimônio.

Uma cidade emerge perto do Mar: Zona Portuária do Rio de Janeiro e uma etnografia do 72 Horas Rio Festival de Filmes

Ana Paula Alves RIBEIRO, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo

Neste trabalho procuro refletir sobre o 72 Horas Rio Festival de Filmes, que em três anos de existência possibilita a realização, exibição e circulação de certo conjunto de curtas metragens de ficção, documentários, animações e filmes de celular realizados em três dias na Zona Portuária do Rio de Janeiro. Fundado por dois produtores em 2014, o Festival tem sido realizado em um feriado iniciando-se às 18h/19h de uma quinta-feira e terminando no domingo, 72 horas após seu início, com a entrega dos filmes inscritos. Isso significa um mapeamento visual da Zona Portuária e o registro da sua transformação. Uma das premissas desta pesquisa é que a fotografia, desde meados do século XIX, depois o cinema e hoje os registros em novas mídias têm captado e retratado as várias cidades existentes no Rio de Janeiro. Das diferenças dos espaços – povoamento, construções, apropriações, políticas públicas, discursos – emergiu uma cidade que se entende como múltipla, produzindo uma convergência latente, uma mentalidade comum entre a cidade e suas imagens como aponta Guy Bellavance (1997). Esta ideia de múltiplas cidades agrega ou absorve os discursos urbanísticos e arquitetônicos e os diálogos estabelecidos com as ciências sociais. E se cada cidade é plural, em suas várias dimensões, os seus registros fotográficos, filmicos e sonoros também o são. As possibilidades de desvendar estas cidades registradas no mesmo espaço e em cenários semelhantes, como em camadas arqueológicas também dão conta desse movimento que vem acontecendo no Rio de Janeiro na Zona Portuária, as transformações urbanas e seus impactos, das quais os embates em torno das instituições museológicas é uma de suas dimensões. Enobrecimento, mobilidade urbana, ocupação das ruas, processos de remoções urbanas, festas, comemorações, construções de equipamentos culturais e esportivos, registros de cartões postais, transformações nas casas, comunidades, grupos e práticas culturais passam a fazer parte destas camadas da cidade. Estes exemplos, ambíguos, contrários e plenos de tensão mostram no Rio de Janeiro, os caminhos pelos quais passa a cidade. Afinal, uma pergunta recorrente - “Quantas cidades cabem em uma cidade?” - continua em evidência, mostrando-se mais atual do que nunca.

Palavras-chave: 72 Horas Rio Festival de Filmes, Rio de Janeiro, transformações urbanas.

Na contingência do tempo, algo se torna eterno. A arquitetura modernista em Fortaleza e o Residencial Iracema: um estudo sociológico

Mário Jorge Barreto RIBEIRO, Universidade Federal do Ceará, Brasil.

Resumo

No Brasil, as expressões modernistas se propagaram já a partir do início do século passado. A realização da Semana de Arte Moderna marcou o desenvolvimento desse movimento em nosso país. Com reverberações no âmbito da arquitetura, o Brasil cunhou uma nova forma de construir, elaborando um estilo próprio que valorizou os ideais e as características da nossa nação. Em Fortaleza a arquitetura moderna se desenvolveu após a segunda metade do século XX, com o regresso dos arquitetos cearenses que haviam saído para estudar em escolas do Rio de Janeiro e de Recife. Um deles foi Francisco Porto Lima, arquiteto pernambucano radicado no Ceará. Foi ele o responsável pelo projeto do Residencial Iracema. Implantado no bairro Meireles, é possível perceber que seu entorno é marcado pela presença de edifícios multifamiliares de alto gabarito, muitos atingindo 72 metros de altura, conforme limite permitido pela lei 7.987, lei de uso e ocupação do solo de Fortaleza. Diante do contexto, o residencial e as demais edificações com porte semelhante, são alvo de intensa pressão proveniente da especulação imobiliária. O objetivo deste artigo é promover uma discussão sobre o modernismo com olhar aprimorado sobre a arquitetura modernista desenvolvida na cidade de Fortaleza, encerrando assim um debate acerca da preservação patrimonial. Para tanto, é proposto um estudo de caso acerca do Residencial Iracema. Planejou-se uma investigação da trajetória da arquitetura modernista brasileira e fortalezense assim como a discussão da questão patrimonial a partir do uso de bibliografia especializada. Ao analisarmos o entorno deste conjunto é possível concluir que os exemplares de traço modernista estão paulatinamente sucumbindo diante da pressão do setor de construção. Sua proteção é ato fundamental na preservação e na persistência da memória modernista dessa cidade.

Palavras-chave: Fortaleza, arquitetura modernista, patrimônio.

Do desenho manual ao traço programado em arquitetura: mutações de uma profissão sob a perspectiva da sociologia da arte

Kadma Marques RODRIGUES, Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós Graduação em Federal do Ceará, Programa de Pós Graduação em Comunicação, Brasil.

Diego Soares REBOUÇAS, Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós Graduação em Federal do Ceará, Programa de Pós Graduação em Comunicação, Brasil.

Resumo

Embora o desenho projetivo fundamente, desde a Antiguidade Clássica, a especificidade da profissão de arquiteto, a partir da Renascença, arquitetos e artistas passaram a disputar uma posição social hegemônica no que tange à concepção criativa na atividade do desenho. No século XX, a complexificação e diversificação pelas quais passou o campo da arquitetura incidiram particularmente sobre a competência do trabalho criativo que dá forma ao desenho projetivo. A partir dos anos 80-90, a adoção crescente de softwares para realização desta atividade, possibilitou aos profissionais da arquitetura vivenciar os efeitos de uma suposta ampliação do potencial criador que os distingue concorrencialmente como “arquitetos-estrela”, afamados mundialmente. A sociologia da arquitetura elaborada como parte da sociologia das profissões (Champy, 2001), tem forjado uma abordagem menos atenta ao processo criativo realizado a partir do desenho. Portanto, é pela aproximação entre a sociologia da arquitetura e a sociologia da arte que buscamos uma perspectiva capaz de refletir acerca do modo como as relações complementares ou mutuamente excludentes entre o desenho manual e o desenho programado provocam diferenças no desenvolvimento de habilidades técnico-criativas desta prática profissional. Assim, é preciso verificar de que modo o processo de formação em arquitetura tem contribuído para a redefinição do conjunto de habilidades que caracterizam o perfil profissional do arquiteto. Para tanto, uma primeira fase desta análise abordará um confronto entre a formação de arquitetos realizada pelo curso de Arquitetura da Universidade Federal do Ceará, e escritórios de arquitetura filiados ao Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), ambos sediados na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará (Brasil). As informações colhidas nesta primeira fase da pesquisa subsidiarão em seguida uma pesquisa comparativa de caráter nacional e, posteriormente, internacional que possibilitem apreender reconfigurações ou reproduções das hierarquias que marcam o campo

da arquitetura, por meio da criação e distribuição desigual de competências e da chamada renda da forma (Arantes, 2012) em um mundo globalizado.

Palavras-chave: arquitetura, desenho projetivo, traço programado.

S-T

O polo de criatividade do Rio de Janeiro e o Museu de Arte do Rio como espaço de negociação

Sabrina Parracho SANT'ANNA, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo

Desde 2009, quando o Rio de Janeiro foi anunciado como cidade-sede das Olimpíadas de 2016, foram propostos diversos projetos de intervenção urbana para a cidade. Na esteira desse processo, a construção de um polo de criatividade na Zona Portuária foi apresentada como o legado mais duradouro deixado pelos Jogos. Fundado em 2013, o Museu de Arte do Rio foi, então, apresentado como a vitrina para o grande projeto formulado pela prefeitura, mas também tem sido, desde a sua abertura, o alvo de críticas de diferentes setores da sociedade civil, que viram a instituição como o símbolo de um processo de gentrificação e mercantilização da área. Apresentando-se como uma instituição-chave na agenda cultural do Rio de Janeiro, o museu preparou o palco para a competição entre diferentes protagonistas e criou uma zona de negociação para os diferentes significados de cidade. Por um lado, o seu papel como agente político na intervenção urbana é inegável. Aderindo ao plano original, exposições para um público cada vez mais expandido têm servido para dar visibilidade para a região e têm mudado radicalmente o perfil da área. Por outro lado, o museu, criado em um momento de levantes e protestos na cidade, tem mostrado um grande número de exposições que tiveram a política urbana como um ponto de crítica e discussão. Atraídos pela instituição, diferentes atores têm vindo a negociar, através da arte contemporânea, o futuro da cidade que hospeda o museu. Este trabalho tem como objetivo discutir como a instituição incorporou discursos, dissolvendo, em uma mesma imagem arquitetônica, conflitos e disputas.

Palavras-chave: museus, intervenções urbanas, arte e política, curadoria.

Arquitetura, espaços e atividades criativas - A Casa da Cultura de Beja

Alexandra SARAIVA, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, DINÂMIA'CET-IUL, Faculdade de Arquitetura e Artes, Universidade Lusíada Norte – Porto, Portugal.

Raquel PIRES, Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Comunicação, Administração e Turismo, Portugal.

Resumo

Inspirada em valores inovadores (sociais e culturais), o propósito da criação da Casa da Cultura da Juventude de Beja foi ir ao encontro de uma cultura mais democrática assente num modelo comunitário e de participação ativa. Tendo como base de investigação a Casa da Cultura da Juventude de Beja, do Arquiteto Hestnes Ferreira, o presente artigo coaduna a Arquitetura e a cidade herdada, cujo objetivo é apresentar premissas de valorização do património edificado, as quais possam promover a emergência das Indústrias Culturais e Criativas em cidades de pequena dimensão. Iniciaremos este artigo contextualizando conceptualmente as Indústrias Culturais e Criativas e as relações entre lugar e criatividade. Embora o conceito de Cidades Criativas tenha surgido associado aos aglomerados urbanos de grande dimensão, nesta investigação qualitativa observaremos a criatividade associada às cidades de pequena dimensão e/ou com características rurais. Posteriormente relacionaremos a Arquitetura, enquanto subsetor das Indústrias Culturais e Criativas, com as dinâmicas sociais e culturais de um território. Por fim, fundamentando-nos nos propósitos inovadores e diferenciadores da arquitetura e da criação do edifício, apresentamos propostas que articulem a ação dos atores culturais com as comunidades locais.

Palavras-chave: Casa da Cultura da Juventude de Beja, Hestnes Ferreira, arquitetura, indústrias culturais e criativas.

Fados hifenizados? Fadistas luso-descendentes em Montreal, Canadá

João SARDINHA, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa, Portugal.

Resumo

Argumenta-se que o “verdadeiro fado” se encontra nas comunidades portuguesas emigradas (Chuva, 2008). De acordo com essa linha de pensamento, o fado é mais autenticamente sentido e interpretado quando numa posição de desterritorialização, isto dada a onnipresença do sentimento de ausência muitas vezes presente nas letras de fado, bem como a importância do sentimento de saudade e nostalgia de pessoas e lugares longínquos como bases emocionais e inspiradoras. Tal argumento pode-se aplicar a quem um dia fez as malas e partiu para outro país, levando consigo as tradições portuguesas, enaltecendo os seus sentimentos de saudade com a passagem do tempo. Mas como explicar estes sentimentos quando eles atingem os descendentes de emigrantes? Esta comunicação tem como objetivo examinar um grupo de filhos de emigrantes portugueses residentes na cidade de Montreal, no Canadá, que têm construído uma relação com a ‘canção portuguesa’, tornando-se fadistas diaspóricos. Tomando em consideração os posicionamentos periféricos destes atores, pretende-se analisar as suas histórias de vida e como se ligaram ao fado. Procuramos também saber que recursos existem, localmente e transnacionalmente, que lhes permitem desenvolver a sua arte e os seus repertórios, como é que o fado os (des)liga, por um lado, ao país onde residem em termos identitários, por outro, a sua própria comunidade na diáspora. Por último, pretende-se abordar questões sobre a ligação a Portugal, sobretudo no que diz respeito a diferentes formas de mobilidade, isto com o intuito de se desenvolverem como fadistas.

Palavras-chave: fado, luso-descendentes, Montreal, identidade, mobilidade.

Representações e discursos do barco moliceiro: metamorfoses de arte em perpétuo movimento

Clara SARMENTO, Centro de Estudos Interculturais, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, Instituto Politécnico do Porto, Portugal.

Resumo

Esta comunicação estuda um objecto – o barco moliceiro da Ria de Aveiro –, as manifestações artísticas que o caracterizam – os painéis policromos figurativos e legendados – e os discursos que os contextualizam, enquanto representação e (re)invenção da cultura popular de uma região portuguesa. Contudo, pretende-se também ver através do objecto, isto é, “atravessar a [sua] opacidade inoportuna”, tal como propõe Michel Foucault na sua *Arqueologia do Saber*.

O barco moliceiro da Ria de Aveiro constitui o suporte da representação artística da identidade cultural de uma comunidade intimamente ligada ao ecossistema lagunar. Os painéis do barco moliceiro são assim representações simbólicas intersemióticas dos valores, práticas e discursos quotidianos da (e sobre a) comunidade local. Os textos icónicos e escritos patentes em cada barco são produto de uma rede de circunstâncias ideológicas, sociais e económicas, dificilmente reconhecidas mesmo por aqueles que desenham, pintam e escrevem (e vivem) sob a sua influência. Ao longo das últimas décadas, o moliceiro e seus painéis participaram numa complexa dialéctica entre as representações do poder político e económico e a sua real função social e simbólica, gerando todo um imaginário histórico, todo um “inventário” gramsciano, que motiva, contextualiza e sustenta esta prática artística. Hoje em dia, o moliceiro participa de uma lucrativa estrutura terciária organizada em redor do objecto-barco, que perdeu as suas funções tradicionais e foi reinventado enquanto símbolo turístico e cultural da Ria de Aveiro. Existe aqui uma metamorfose e não uma ressurreição do objecto artístico, com novas funções dentro de um novo contexto, de onde emerge uma nova ontologia cultural orientada pelas exigências do lucro e da globalização.

Palavras-chave: moliceiro, painéis, popular, Aveiro.

Street art e espaços expectantes em Lisboa: construindo discursos sobre um problema urbano

Ágata Dourado SEQUEIRA, DINAMIA'CET, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

Resumo

Esta comunicação surge no âmbito de um projecto de investigação sobre a street art em Lisboa, e a forma como os novos contextos que estruturam a sua prática, a par com as iniciativas espontâneas dos artistas, propõem um ponto de partida para uma reflexão sobre os processos de construção social do espaço público urbano. A hipótese subjacente é a de que a análise dos diferentes contextos em que esta prática expressiva de rua é elaborada permite revelar não só diferentes formas de conceber e pensar o espaço público urbano, como um conjunto de tensões e conflitos que são transversais nesse processo. Particularmente, pretende-se aqui dar conta da forma como a street art em Lisboa expõe o problema urbano das situações de edificado abandonado, «expectante» ou «entre-usos», propondo simultaneamente uma reflexão sobre a origem dessas situações e as possibilidades de construir cidade que daí podem surgir. Da intervenção individual sobre a montra vazia de uma loja ou no interior de um edifício em ruínas, à iniciativa colectiva em grande escala sobre estruturas de uso colectivo com vista à rua requalificação ou no exterior de fachadas devolutas, a street art constitui uma forma de intervir directamente – e criticamente - no tecido urbano. Uma reflexão sobre a forma como a street art, na sua condição de efemeridade e no seu potencial expressivo, se interliga com a questão da impermanência do edificado urbano, permite mostrar como esta pode assumir o papel de promover diálogo e discursos sobre o espaço público, num contexto urbano específico onde a questão da degradação e abandono dos edifícios constitui traço marcante.

Palavras-chave: street art, construção social do espaço, espaço público, espaços expectantes, sociologia urbana.

Os Deuses moram aqui

Rachel SOUZA, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo

Inicialmente, creio ser importante dizer que a escolha do meu objeto de pesquisa artística é, não só uma tentativa de experimentar linguagens audiovisuais, mas, também articular um discurso de valorização das produções da cultura afro-brasileira. O projeto consiste em uma série de videoarte que busca a mixagem arquetípica dos orixás, proveniente das religiões de matriz africana. Nesta série, a mitologia dos orixás norteia o trabalho, consistente na desconstrução e reconstrução dos arquétipos para formação de novos outros ou, novas narrativas e jeitos de falar sobre os mesmos. Assim, o vídeo Oxum 2, por exemplo, dialoga com a ideia de suavidade e força da referida deidade, que, embora tenha como um de seus atributos a vaidade, não mostra o próprio rosto. Prefere exibir seus processos afetivos enquanto pessoa comum, que transita pela cidade à procura de comida barata e satisfatória. O que é lido como ordinário e cotidiano é, neste trabalho, ressignificado enquanto sagrado. Busco construir narrativas simbólicas que dialoguem com as experiências do sacralizar e do profanar. Levando em consideração que, os mecanismos da aproximação religiosa implicam em aceitação do mito de origem sem questionamentos. Enquanto o processo artístico visa a aceitação mitológica através da desconstrução do que se recebe inicialmente. O profanar artístico instaura uma nova ordem de crença(s).

Palavras-chave: orixá, cultura brasileira, videoarte, mitologia.

Encantamento e artificação: “Arte Plumária do Brasil” entre trajetórias e instituições

Tálisson Melo de SOUZA, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.

Resumo

Nessa apresentação busco reconstruir o processo de artificação de peças da plumária produzida por determinados grupos étnicos nativos do Brasil, que chegaram a compor uma exposição, “Arte Plumária do Brasil” que itinerou por diferentes instituições de arte e etnologia em algumas cidades do Brasil e de outros país, como a Colômbia, Espanha, Estados Unidos da América e México, inaugurada em 1980 no Museu de Arte Moderna de São Paulo, e coroada com grande visibilidade na imprensa nacional em 1983, ao integrar a 17ª Bienal Internacional de São Paulo. A análise e descrição dão-se através de textos dos catálogos, jornais, relatos e entrevistas. A biografia desses objetos, que mudam de contextos e se transformam, é colocada em paralela com a vida e obra de artistas e antropólogos atuantes no Brasil. Esses agentes mobilizaram peças plumárias de suas coleções pessoais e de instituições nacionais, bem como suas ideias divulgadas por meio da produção científica e artística, no sentido de reconhecer a plumária dos índios como objeto legítimo para os campos da arte e da antropologia. Abordo detalhadamente as preocupações objetivas que eles manifestaram a respeito da dimensão estética, patrimonial e etnográfica (sua relação com os contexto de produção e uso ritual) desses objetos.

Palavras-chave: arte plumária, Bienal de São Paulo, artificação, curadoria.

As micro-redes e os novos burgueses Vol. II

Paulo Jorge Soares TEIXEIRA, Universidade de Évora, Portugal.

Renato Manuel Iaia EPIFANEO, Movimento Internacional Lusófono, Portugal.

Resumo

Peter Sloterdijk, filósofo da comunicação diz que, os cidadãos do mundo já mal vivem nesta realidade (grande rede), pelo facto de não terem conseguido dominar os corpos dóceis na grande rede e acabaram por planear a sua fuga para as micro-realidades, as micro-redes da grande rede. Peter Sloterdijk afirma através da seguinte citação: “Entretanto, os cidadãos do mundo mais resolutos já mal vivem nesta terra – passaram a ser habitantes do país da Complexidade, viajantes da classe *grand vitesse*, apressados passageiros em trânsito ‘neste Hotel da Terra’” (Sloterdijk, 2002: 228). O filósofo salienta que os cidadãos do mundo se resumem apenas a “passageiros” porque a maioria dos burgueses que fugiram para as micro-redes foram assassinados pelos corpos dóceis na grande rede onde foi feita essa chacina através da luta das armas. O filósofo evidencia que os passageiros são “apressados e em trânsito”, pelo facto de terem fugido para as micro-redes e encontram-se, recentemente, na geometria não euclidiana, e a sua influência no exercício da verticalidade do poder vai transitar para uma plena horizontalidade.

Palavras-chave: geometria euclidiana, luta das armas, corpos dóceis, projeto cultural.

U – Z

A prega ventral na cerâmica figurativa Karajá - uma gênese semiótica

Chang WHAN, Universidade Federal Fluminense, Brasil.

Resumo

O trabalho apresenta um estudo sobre a cerâmica figurativa do povo Karajá, população indígena autóctone do Brasil Central, falante de uma língua da família Jê. Pretendemos examinar o fenômeno sógnico da prega ventral encontrada nas figuras cerâmicas produzidas pelas mulheres oleiras Karajá. Signos indiciais podem se criar em decorrência de causalidades sociais históricas, bem como de contingências de sua materialidade. O estudo analisa a gênese, o processo, e a instituição deste peculiar detalhe formal nas figuras cerâmicas, a prega ventral, como uma marca sógnica indicial do gênero feminino. Examinamos o fenômeno de formulação do signo, na sua historicidade e materialidade. Pretendemos demonstrar, segundo a proposta de análise semiótica proposta por Webb Keane (2003), que no caso investigado, o detalhe morfológico resultou da própria contingência material da matéria-prima, a argila. Neste sentido, a prega ventral nasce como um "qualisigno" peirceano, ou seja, um "mero componente potencial de um signo ainda não realizado" (2003). A instituição do signo se deu na práxis oleira do coletivo das artesãs, na sua agência artística enquanto um corpo social, estabelecendo assim, de modo silencioso e tácito, num processo cognitivo não-verbal, a relação de significação. Trata-se de um signo cooptado pelo coletivo das artesãs Karajá, que, segundo perspectiva de S. J. Gould (1991), resulta de um processo de apropriação exaptativo. A prega ventral foi um efeito não intencionado, mas posteriormente cooptado, como marca sógnica do feminino nas figuras cerâmicas Karajá.

Palavras-chave: cerâmica indígena, gênese semiótica.

Organização



Parceiros



Com o apoio de:

